

UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT  
CURSO DE PEDAGOGIA

ISLAINE DA CONCEIÇÃO SANTOS  
LAIS PEREIRA DOS SANTOS ALMEIDA  
MARIA GRAZIELE GONÇALVES SANTOS

UM ESTUDO SOBRE O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS

ARACAJU  
2012

ISLAINE DA CONCEIÇÃO SANTOS  
LAIS PEREIRA DOS SANTOS ALMEIDA  
MARIA GRAZIELE GONÇALVES SANTOS

UM ESTUDO SOBRE O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS

Artigo apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para aprovação no curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Msc.** Vanda Maria Campos Salmeron Dantas.

Aracaju  
2012

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a proposta de currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e se essa proposta atende as necessidades dos alunos em questão, foi realizada uma pesquisa diagnóstica e de observação na Escola Municipal de Ensino Fundamental Anísio Teixeira. No intuito de compreender os interesses dos alunos que frequentam a modalidade de Educação de Jovens e Adultos em relação ao estudo e perspectiva de trabalho. Como metodologia de pesquisa foi utilizada a técnica de abordagem qualitativa, por entendermos que ela nos possibilita analisar a educação em suas múltiplas dimensões. Para coletar os dados foi aplicado um questionário onde os alunos tiveram a oportunidade de responder se estavam satisfeitos com o ensino oferecido na instituição. Apontamos também qual são as possíveis causas para o grande índice de evasão desses alunos. Em nosso primeiro discurso fizemos uma abordagem sobre a história da Educação de Jovens e Adultos, onde verificamos que as deficiências vistas hoje, são resultado da dificuldade que esses jovens excluídos tem para conseguir estudar, em seguida apresentamos o resultado da nossa pesquisa em gráficos.

**PALAVRAS – CHAVE:** Educação ; Jovens; Evasão

## INTRODUÇÃO

A história da educação brasileira nos revela a necessidade de pensarmos novas formas de enfrentamento dos padrões de produtividade e competitividade, impostos pelo avanço tecnológico, o que conseqüentemente ocasiona novas demandas para as políticas públicas voltadas para o campo da educação, pois ainda encontramos índices gritantes de evasão, reprovação, não aprendizagem e analfabetismo, o que de certa forma faz provocações à forma como o sistema educacional brasileiro vem operando a oferta da educação básica no Brasil.

As propostas curriculares apresentadas para Educação de Jovens e Adultos, em muitas situações, não admitem uma orientação de ensino que promova a integração dos sujeitos ao âmbito social e educacional, ignorando aspectos da diversidade cultural que compõe a EJA.

Assim a pesquisa direcionou a análise das turmas da EJA na Escola Municipal de Ensino Fundamental Anísio Teixeira em Aracaju /SE o qual foi aplicado questionários que

contemplava a visão e desafio em avançar seus estudos numa perspectiva de mudanças social e proporcionar melhoria na qualidade de vida

Segundo o Parecer do Conselho Nacional de Educação, o Artigo 6º, Cabe a cada sistema de ensino definir a estrutura e a duração dos cursos da Educação de Jovens e Adultos, respeitadas as diretrizes curriculares nacionais, a identidade desta modalidade de educação e o regime de colaboração entre os entes federativos.

Plano Nacional de Educação (Lei 10.172/2001) -A Constituição Federal determina como um dos objetivos do Plano Nacional de Educação a integração de ações do poder público que conduzam à erradicação do analfabetismo (art. 214, I). Trata-se de tarefa que exige uma ampla mobilização de recursos humanos e financeiros por parte dos governos e da sociedade. Os déficits do atendimento no ensino fundamental resultaram, ao longo dos anos, num grande número de jovens e adultos que não tiveram acesso ou não lograram terminar o ensino fundamental obrigatório.

O que podemos notar é que essa obrigatoriedade não é exercida, de acordo com os dados da pesquisa é que os alunos não estão sendo contemplados com todas as obrigatoriedades que deveriam ser dadas a eles. Desta maneira, é aceitável afirmar que as metodologias pedagógicas destinadas a essa modalidade educativa não contemplam novas exigências de formação, já que no atual momento, nas discussões sobre currículo evidencia-se tentativas de ultrapassar concepções de que os currículos escolares representam apenas uma seleção de conteúdos, disciplinas e conhecimentos.

O currículo não deve ser a representação de uma estruturação de conteúdos e saberes não somente um processo resultante de lutas e relações de poder. Contudo, pode se dizer que ele é também um instrumento determinante para a democratização do papel da educação; pois se torna um instrumento proposital, não inocente nem neutro, mas embasado por uma construção de identidades sociais e individuais.

Conforme Apple (2005), o currículo:

[...] é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo (APPLE, 2005, p. 59). Portanto, na definição desse autor, o currículo escolar evidencia uma relação, que nos parece intersticial, entre a sociedade, a escola e o ensinado nessa escola.

No Brasil, alguns estudiosos têm se destacado ao discutir esse campo do saber e, dentre eles, Moreira e Silva contribuem significativamente para compreendermos o desenvolvimento das teorias do currículo.

Como indicam os autores, as discussões relativas ao campo do currículo têm se desenvolvido significativamente nos últimos anos, ampliando o debate e problematizando concepções sobre o objeto de seus estudos, o currículo escolar. Para esses autores, o currículo é um “artefato social e cultural”. Como tal, “ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual” (MOREIRA; SILVA, 2005, p. 07).

Portanto, ao pensarmos no currículo escolar, não podemos prescindir de investigações que incidam sobre as políticas públicas de currículo, bem como de pesquisas que abordem a implementação das propostas nas escolas, objetivando conhecer a prática curricular desenvolvida.

Nesse sentido, nossa pesquisa se propõe a avaliar o currículo praticado na EJA com a evasão escolar, em uma escola pública, atentando para a efetivação desse currículo; assim como também, nos interessa analisar se o currículo da EJA apresenta diferenças do praticado do ensino regular, Identificando a relação do currículo praticado com o mercado de trabalho.

O estudo envolve a pesquisa qualitativa, além da pesquisa bibliográfica fundamentado nos trabalhos de Moreira e Silva (2005), Gramsci (2000), Ciavatta (2005), Kuenzer (2005) Deleuze (1995), Gallo (2003), Guatari (1995) e Oliveira (1999), bem como em outros autores que pesquisam a questão da organização e da prática pedagógica. Neste artigo apresentamos, inicialmente, aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Como também, apresentamos uma reflexão sobre o currículo da EJA e as propostas curriculares para essa modalidade de ensino, bem como sobre, os possíveis fatores da evasão dos alunos na Educação de Jovens e Adultos, contemplando questões relativas à diversidade cultural.

## **1. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

No Brasil colônia a alfabetização dos adultos tem início como um processo de catequização dos indígenas, também como objetivo instrumentalizar a população, ensinando a ler e a escrever. Essa concepção está referenciada na ideia de uma educação para a

doutrinação religiosa, contribuindo para que os colonos pudessem ler o catecismo e cumprissem as ordens da corte; e mais tarde para que os trabalhadores cumprissem as tarefas exigidas pelo estado, como afirma EUGÊNIO (2004).

Com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, ocorre uma fragilização e uma desorganização do ensino até então estabelecido. No Brasil império novas iniciativas dirigidas à educação de adultos e reformas educacionais preconizam a necessidade do ensino noturno para adultos analfabetos. Conforme Porcaro (2010), em 1876, foi feito então, um relatório, pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo, apontando a existência de 200 mil alunos frequentes às aulas noturnas.

A EJA é uma modalidade de educação, e segundo Jamil Cury isso implica um modo próprio de fazê-la, indicando que as características dos sujeitos jovens e adultos, seus saberes e experiências do estar no mundo, são guias para a formação de propostas curriculares político-pedagógicas de atendimento (Parecer CNE nº. 11/2000).

Segundo CUNHA (1999) apud PORCARO (2010), com o desenvolvimento industrial, no início do século XX, inicia-se um processo lento, mas crescente, de valorização da educação de adultos. Porém, essa preocupação trazia pontos de vista diferentes em relação à educação de adultos, quais sejam: a valorização do domínio da língua falada e escrita, visando o domínio das técnicas de produção; a aquisição da leitura e da escrita como instrumento da ascensão social; a alfabetização de adultos vista como meio de progresso do país; a valorização da alfabetização de adultos para ampliação da base de votos.

A consolidação de um sistema público de educação elementar no país constitui-se em meados da década de 30, em que se estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação de adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos. Segundo LOUREIRO (1996:30) apud EUGÊNIO (2004:29).

Conforme afirma LOPES e SOUSA (2009) a década de 40 é marcada por algumas iniciativas políticas e pedagógicas que ampliaram atenção à educação de jovens e adultos. Nesse sentido, algumas ações como a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o surgimento das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo; o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), e outros, foram desencadeadas. Este conjunto de iniciativas permitiu que a educação de adultos se firmasse como uma questão nacional.

Em 1945, com o final da ditadura de Vargas, os movimentos internacionais e organizações como a UNESCO, exerceram influência positiva, reconhecendo os trabalhos que vinham sendo realizados no Brasil e estimulando a criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos. O objetivo não era apenas alfabetizar, mas aprofundar o trabalho educativo. Nessa época, o analfabetismo era visto como causa (e não como efeito) do escasso desenvolvimento brasileiro. Além disso, o adulto analfabeto era identificado como elemento incapaz e marginal psicológica e socialmente, submetido à menoridade econômica, política e jurídica, não podendo, então, votar ou ser votado segundo CUNHA (1999) apud Porcaro (2009).

[...] sempre foi alvo da atenção de todos os que buscavam entender e organizar o processo educativo escolar. No entanto, foi somente no final do século XIX e no início deste, nos Estados Unidos, que um significativo número de educadores começou a tratar mais sistematicamente de problemas e questões curriculares, dando início a uma série de estudos e iniciativas que, em curto espaço de tempo, configuraram o surgimento de um novo campo (MOREIRA; SILVA, 2005, p.07).

Ainda segundo os dados trazidos por Porcaro (2009), a década de 50, 60, 70 e 80 revela a intensificação de mobilizações para o desenvolvimento da educação para os adultos, como Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), que marcou uma nova etapa nas discussões sobre a educação de Adultos; Congresso Nacional de Educação de Adultos, objetivando avaliar as ações realizadas na área e visando propor soluções adequadas para a questão, e que foram discutidas também as leis de diretrizes e bases da educação nacional. Com o golpe militar, em 1964, os movimentos de alfabetização de caráter popular que se preocupavam com a formação política dos cidadãos brasileiros foram reprimidos.

O projeto político do Brasil, passando de modelo agrícola e rural para um modelo industrial, gerou a necessidade de mão-de-obra qualificada e alfabetizada. Reabriu-se, então, a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. A década de 70, ainda sob a ditadura militar, marca o início das ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização – o MOBRAL, que era um projeto para se acabar com o analfabetismo em apenas dez anos.

Um marco importante na história da EJA e no Brasil foi à implementação do ensino supletivo, em 1971. Um dos maiores objetivos era escolarizar um grande número de pessoas,

satisfazendo às necessidades de um mercado de trabalho competitivo, mediante um baixo custo operacional, com exigências de escolarização cada vez maior.

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizado em capítulo exclusivo da Lei nº 5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria. (Vieira, 2004, p. 40).

Nesse panorama de consolidação do ensino para jovens e adultos, conseguimos reconhecer os avanços no sentido de melhorar as condições da educação de jovens e adultos no Brasil, que amparada por lei, tenta o reingresso do aluno ao sistema educacional; e essa implementação pode ser considerada um marco importante na história da EJA. Porém o sistema buscava por uma formação rápida, o que restringe o aluno a escolarização mínima, sem, contudo, possibilitar a transformação social da realidade vivida pelos jovens e adultos.

Na década de 90 o desafio da EJA passou a ser o estabelecimento de uma política e de metodologias criativas. Com o objetivo de erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula, em 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo governo federal, criando uma secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo.

Alfabetização de Jovens e Adultos e formação de alfabetizadores são ações instituídas no programa “Brasil Alfabetizado”. Para os idealizadores do Brasil Alfabetizado, para tornar o processo de alfabetização participativo e democrático, é fundamental que o alfabetizador, antes de iniciar as atividades de ensino, conheça o grupo com o qual irá trabalhar. Esse conhecimento prévio pode ser pelo cadastro dos alunos e pelo diagnóstico inicial que deve servir de base para o planejamento das atividades.

Nesse sentido, as políticas públicas precisam favorecer a organização de um currículo proposto que estabeleça uma relação com as experiências dos alunos; em um contexto nacional, local ou regional, com tanto que atenda os interesses da sociedade e/ou comunidade.

No contexto do tema de análise, importa ressaltar, na primeira década do século XXI, a passagem da descrença e descaso com a educação de jovens e adultos para uma inédita oferta de programas governamentais que se propõem a associar o resgate da escolarização

básica com a educação profissional ,mas que não supera as desigualdades de nosso fragmentado quadro educacional, ao contrário, as acentua.

Assim, a ausência de oferta, característica do século anterior, é substituída por uma ampliação expressiva de oportunidades de acesso a cursos que, embora diferenciados, guardam como ponto comum, no mais das vezes, as características que irão convergir para o que Kuenzer (2005) denominou como “certificação vazia”.

## **2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A RELAÇÃO CURRICULAR PARA O MUNDO DO TRABALHO**

Para que possamos perceber se o currículo utilizado nessa modalidade de ensino corrobora para a inserção do sujeito trabalhador para o mercado de trabalho é necessário conhecer o público alvo, pois ele é formado por pessoas pouco escolarizadas com baixa qualificação profissional; frequentemente exercem atividades de trabalho informal e, muitas vezes com baixa remuneração, quase sempre de famílias humildes, não raras vezes pertencentes a comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano (IDH), e que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola regular na infância e/ou adolescência ou que não puderam completar os estudos. Muitas vezes vítimas de grande desigualdade socioeconômica, várias famílias são obrigadas a buscar no trabalho das crianças uma alternativa para a composição da renda familiar, roubando o tempo da infância e o tempo da escola.

Esses jovens e adultos mais tarde retornam à escola, via EJA, convictos da falta que a escolaridade faz em suas vidas, acreditando que as dificuldades que enfrentam no mercado de trabalho e a falta de oportunidade nos lugares de emprego se associam exclusivamente à baixa escolaridade, desobrigando o sistema capitalista da responsabilidade que lhe cabe pelo desemprego estrutural (MEC, SEMTEC, 2006, p.78).

Diante desse quadro percebe-se que as políticas universalistas implementadas no Brasil não foram capazes de atingir a todos de forma igualitária. As minorias historicamente marginalizadas (negros, índios) ainda continuam à margem da sociedade. O alto índice de reprovação é um fator que contribui para que o quadro de desvalorização cresça cada vez mais, deficiência essa que persegue esses alunos ao longo das sua vidas, desencadeando um sentimento de incapacidade.

A exemplo do que podemos observar nos indicadores oficiais, quando observamos que 33% dos alunos entrevistados acima de quinze anos de idade encontra-se em condição de analfabetos e/ou em condição de analfabetos funcional. É necessário ressaltar que a nova clientela da EJA, esta aos poucos buscando novos rumos, e já podemos encontrar, jovens que tiveram sua formação nessa modalidade de ensino, e já estão no ensino superior, por isso faz necessário lembrar que nossa proposta ao escrever sobre esse tema, esta relacionada ao nosso campo de pesquisa, e que as informações exibidas são parcialmente de acordo com o resultado do questionário aplicado na mesma.

Baseados no resultado da análise dos dados, percebemos que a maior aquisição para o estudante da EJA, é conseguir um trabalho ou aumentar a sua renda, pois para os jovens entrevistados não é fundamental desenvolver-se intelectualmente e sim almejam apenas uma mudança de vida, mudança essa que para os mesmos só a EJA, pode proporcionar, afinal é uma forma de concluir o ensino médio em menos tempo, sem ser necessário que parem de trabalhar, constatações essa que tivemos ao longo da nossa pesquisa na escola.

Essa maneira de pensar a respeito dos estudos já vem de muitos anos, onde as camadas mais pobres não tinham direito ao estudo, e eram obrigadas a começar a trabalhar ainda quando crianças, muitas das vezes nem chegavam a ir a escola.

[...] as camadas populares eram percebidas como desposuidoras do conhecimento necessários para alicerçar a construção de um país livre dos atrasos superiores de cultura.( FAVERO 2003) apud MILETO.

Assim, baseadas na pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Anísio Teixeira, em três turmas, onde foi constatado a dificuldade de encontrar os alunos devido apresentarem uma frequência irregular, com isso prejudicando o andamento da nossa pesquisa, pois dependíamos exclusivamente das respostas dos alunos. Portanto devido a dificuldade foram entrevistados sessenta alunos, treze no primeiro dia da observação, dezessete no segundo dia, vinte e um no terceiro dia e nove alunos no quarto dia de observação. O público dessa modalidade de ensino é composto na maioria das vezes de jovens com a faixa etária de 18 aos 25 anos, que por motivos relacionados ao desemprego dos seus pais foram obrigados a substituírem a escola pelo trabalho, outros informaram que não tinham

interesse pelos estudos e agora com a opção da EJA, vem uma forma de concluírem o ensino médio em menos tempo.

Na pesquisa de campo, podemos observar que as aulas são bem dinâmicas, e os professores entendem que a realidade dos alunos devem ser levadas em consideração, então as aulas são baseadas no diálogo, onde os alunos falam do seu dia a dia e daí os professores trabalham os conteúdos baseado na realidade deles.

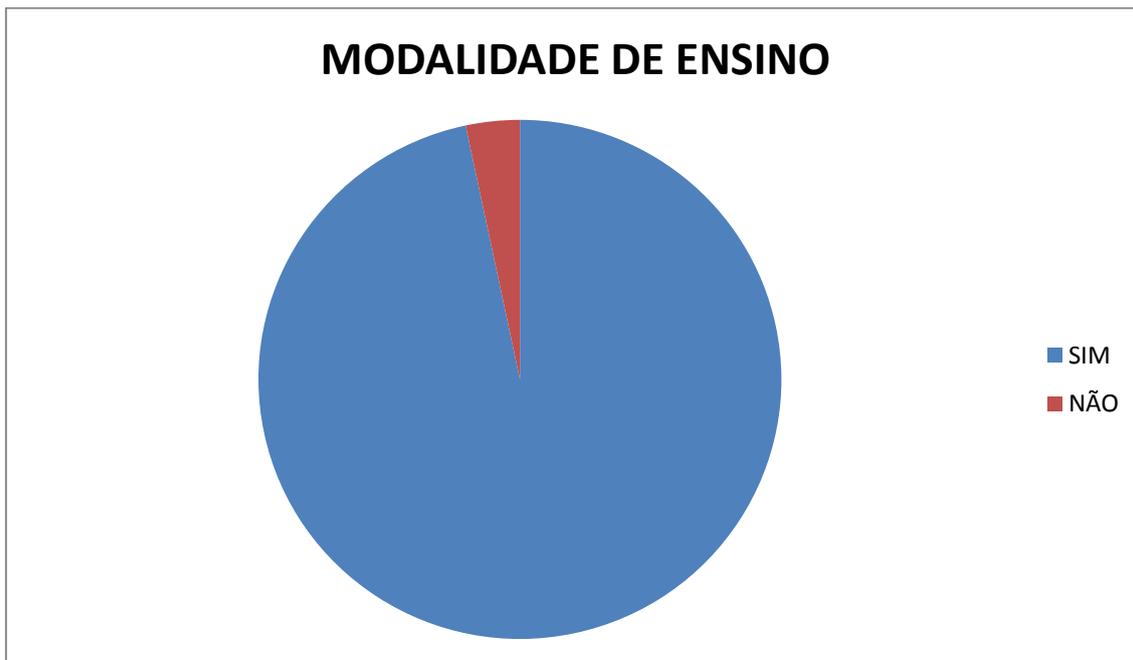
Durante os seis dias de observação na escola as aulas eram dinâmicas, os alunos estavam bem participativos, demonstravam domínio sobre os assuntos dados pelos professores, foram usados recursos do cotidiano dos alunos como TV, aparelho de som, com músicas conhecidas pelos próprios alunos. A metodologia aplicada pelo professor pareceu-nos que era a ideal para os alunos, pois ficou caracterizado na observação que a estratégia metodológica mais utilizada foi a da linguagem dos próprios alunos.

Como também foi constado na pesquisa que 71% dos alunos são do sexo feminino, e que os homens representam apenas 29%, e os mesmos também sentiram mais dificuldade de voltar a estudar, por acharem que não tinham mais capacidade de aprender por já estarem com a idade mais “avançada” e só voltaram por sentirem a necessidade de trabalhar, aumentar seu salário ,pois sem o ensino médio não conseguiram emprego para ganhar nem um salário mínimo, outros voltaram a estudar por indicação dos seus chefes, que sentiam a necessidade de ter um funcionário que soubesse ler e escrever.

A perspectiva de mudar de vida foi visível em alguns alunos, pois pareceu-nos que a necessidade de aumentar o salário para que eles tivessem uma “vida digna”, com direito a saúde boa moradia e uma boa alimentação, segundo eles isso tudo depende da sua renda familiar e a EJA proporciona neles essa esta expectativa.

A necessidade de mudar de vida é tão notória que uma grande parte dos alunos responderam que desejam passar em um concurso público de ensino médio, e acham que a EJA, pode fazer com que esse sonho se torne realidade.

Assim através da análise das respostas nas entrevistas e comparando com os questionários foi constado o perfil dos alunos que estudam na modalidade EJA a partir dos gráficos. Na primeira questão direcionou se a modalidade de ensino poderia ajudar a conseguir um emprego, onde obtivemos o seguinte resultado:



58 alunos : sim.

27 alunos : não

Portanto, grande parte dos alunos enxergam a EJA, como uma forma de conseguir um novo emprego, por não estarem satisfeitos com o atual, consideram que terminando o ensino médio, as oportunidades surgirão, pois entendem que só estudando eles vão conseguir modificar suas vidas. Uma pequena parte, apenas 2%, responderam que não conseguirão outro emprego. Na questão seguinte foi questionado se os assuntos aplicados pelos professores são entendidos pelos alunos.

OS ASSUNTOS APLICADOS PELOS PROFESSORES SÃO ENTENDIDOS PELOS ALUNOS?



35 alunos: sim

15 alunos:não

10 alunos :às vezes

Portanto 60% dos alunos consideram que os assuntos aplicados pelos professores, são entendidos sem dificuldades, 25% responderam que não entendem nada do que os professores explicam e tentam passar, e 15% responderam que somente as vezes os assuntos são entendidos.

Em outra questão direcionou se os conteúdos estudados são aplicados em seu trabalho.

OS CONTEUDOS ESTUDADOS SÃO APLICADOS EM SEU TRABALHO?



18 alunos :sim

25 alunos: não

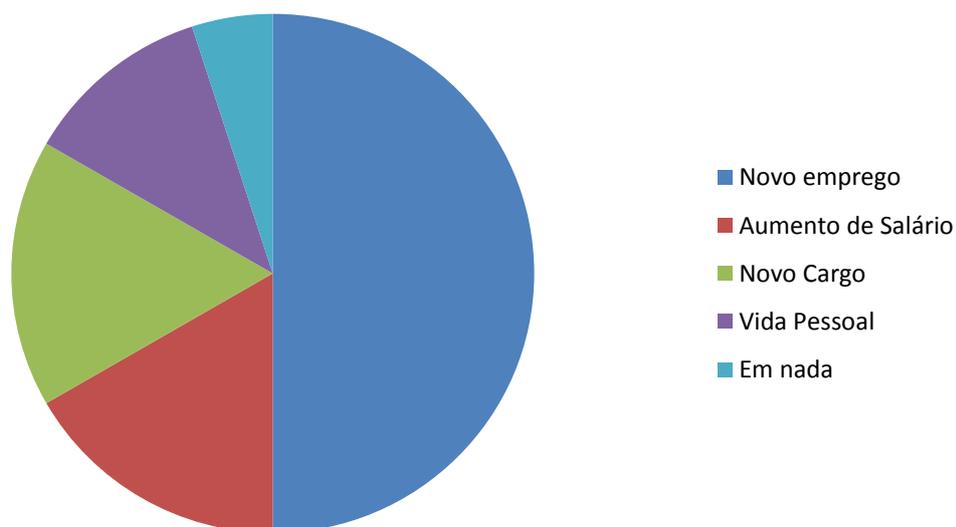
17 alunos: às vezes

Ficou registrado que 35% dos respondentes afirmam que os assuntos podem ser aplicados em seu trabalho a exemplo as conversas que os professores têm com os alunos sobre o respeito e a hierarquia no ambiente de trabalho. 42% responderam que os assuntos não são aplicados no trabalho e 23% consegue aproveitar somente as vezes alguns conteúdos no seu ambiente de trabalho.

Em outra pergunta solicitou se a conclusão dos seus estudos o ajudará em que sentido profissionalmente ou socialmente.

A CONCLUSÃO DOS SEUS ESTUDOS AJUDARÁ EM QUE?

## CONCLUSÃO DOS ESTUDOS



30 alunos (novo emprego)

10 alunos (aumento de salário)

10 alunos (novo cargo no emprego atual)

7 alunos (vida pessoal)

3 alunos (em nada)

Ou seja, 50% dos alunos responderam que a conclusão dos estudos acarretará em um novo emprego, 10% almejam um aumento de salário, 10% querem mudar de cargo onde trabalham, 7% estão estudando para realização pessoal e 3% consideram que nada mudará.

Na outra questão foi perguntado quais os temas / conteúdos que gostaria que a escola trabalhasse.

Quais os temas/ conteúdos que você gostaria que a escola trabalhasse?



22 alunos (informática)

18 alunos (inglês)

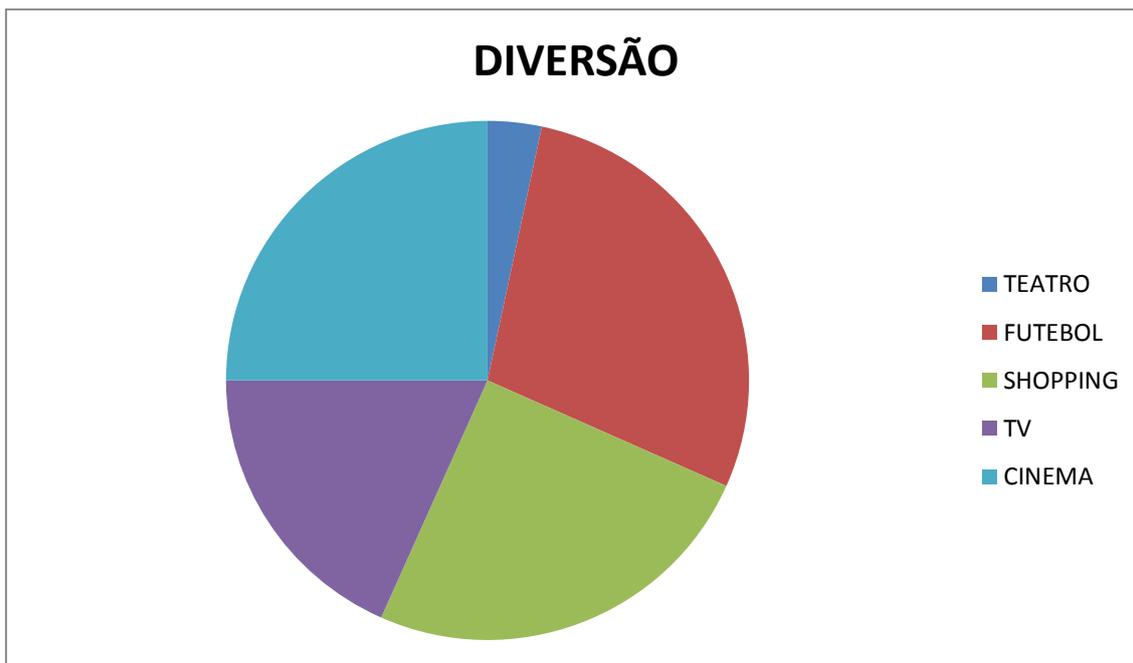
10 alunos (espanhol)

10 alunos (relações humanas)

Assim, 37% dos alunos querem que seja trabalhados na escola informática, pois querem ficar atualizados, já que não tem um computador em casa, 25% dizem que sentem a necessidade do ensino de outra língua como o inglês, 19% acham que o espanhol seria mais necessário e os outros 19% consideram que o estudo de relações humanas é muito importante.

Em outra questão foi perguntado o que faziam nas horas vagas.

Nas horas vagas qual a sua principal diversão?



15 alunos (cinema)

2 alunos (teatro)

17 alunos (futebol)

15 alunos (shopping)

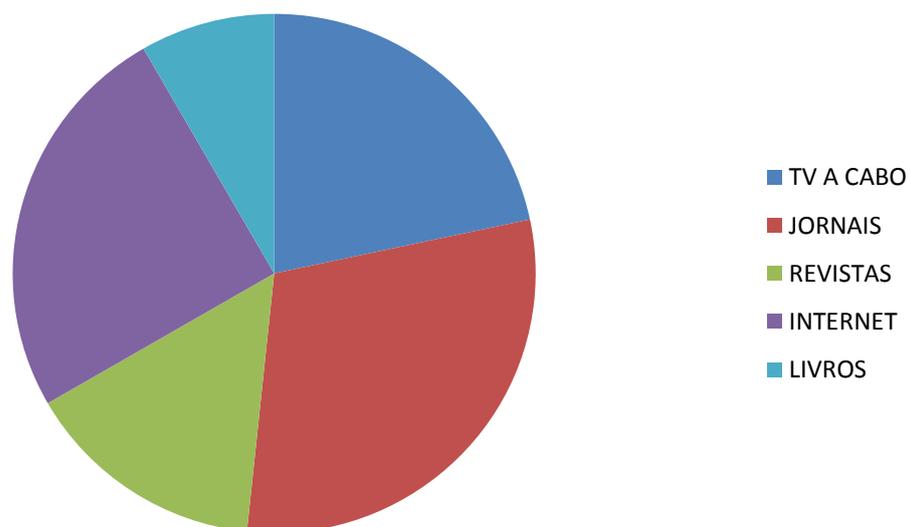
11 alunos (tv)

Portanto, 35% dos alunos responderam que ir ao cinema é o que mais gosta de fazer em suas horas vagas, 2% gostam de ir ao teatro sempre que tem condições de pagar, 22% gostam de praticar esportes, 35% vão ao shopping e 8% preferem passar suas horas vagas assistindo TV.

Em relação aos recursos culturais disponíveis foi constatado:

Recursos culturais disponíveis?

## RECURSOS DISPONÍVEIS



13 alunos (tv a cabo)

18 alunos (jornais)

9 alunos (revistas)

15 alunos (internet)

5 alunos (livros)

Assim, foi constatado que 22% dos alunos possuem TV a cabo, 28% leem jornais, 18% preferem as revistas, 25% utilizam a internet em casa e 7% optam por livros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nesse estudo sobre o currículo no ensino da Educação de Jovens e Adultos e ante ao que foi exposto, é admissível pensar sobre alguns aspectos históricos da EJA no Brasil e como se deu seu desenvolvimento, também é possível rever e refletir sobre a proposta curricular efetivada na modalidade de ensino e sua aproximação com as experiências de vida dos alunos; decorrendo pela complexidade da evasão escolar, sendo esse um dos problemas que existe na EJA, fizemos uma relação aos fatores preponderantes que são os socioeconômicos, e históricos, que pode ser reconhecido, como resultado das propostas curriculares que desprotegem e desestimulam os alunos da EJA. Podemos constatar que o problema da evasão escolar compromete e inviabiliza o desenvolvimento do papel pedagógico da escola, acarretando no não domínio da leitura, da escrita.

Então é primordial que o sistema público de ensino ofereça uma educação de qualidade e formação exclusiva aos professores dessa modalidade educativa, para que esses estejam capacitados para assegurar de maneira positiva e significativa o ensino, proporcionando aos estudantes da EJA a possibilidade de se instituírem como cidadãos independentes, críticos e conscientes, pois é possível consolidar esses fatores a partir da preparação e concretização de uma proposta curricular elaborada para as reais necessidades dos alunos.

## REFERÊNCIAS

CIVIATTA, Maria e RUMMERT, Sonia Maria. **As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada formação profissional.** Campinas: v.31, n. 111, p.461-480, abr-jun. 2010.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a09.pdf>.

Acessado em

12/10/2012

EUGÊNIO, Gonçalves Benedito. **O currículo na educação de jovens e adultos:** entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em Belo Horizonte. 2004. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG

FREITAS. Érico Tadeu Fraga.(et. al) **As concepções de educação de jovens e adultos expressas no regimento escolar da fundação de ensino de contagem.**

Disponível em:

[http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos\\_senept/anais/terca\\_tema6/TerxaTema6Artigo21.pdf](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo21.pdf)

Capturado em 07/11/2012

MOREIRA, A. F. B. e SILVA, T. T. da. **Sociologia e teoria crítica do currículo:** uma introdução. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade.** Tradução de Maria Aparecida Baptista. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** Trabalho Apresentado na XXII- ANPEd, Caxambu, 1999.

PORCARO, Rosa Cristina. **A formação do educador de jovens e adultos no Brasil e os desafios da construção de sua identidade docente.** In: III Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos, 2011, Porto Alegre. Formação de Educadores de Educação de Jovens e Adultos - Anais do 3o Seminário Nacional. Porto Alegre: Deriva, 2010.

PORCARO, Rosa Cristina. **A formação do Educador de Jovens e Adultos no Brasil: Trajetórias, Lacunas E Desafios Na Construção Da Identidade Docente.** 2009.

(Apresentação de Trabalho/Comunicação).

STRELHOW. Thyeles Borcarte. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no brasil.**

Disponível em :

[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05\\_38.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf)

Capturado em 07/11/2012

PORCARO, Rosa Cristina. **A formação do Educador de Jovens e Adultos no Brasil: Trajetórias, Lacunas E Desafios Na Construção da Identidade Docente.** 2009.

(Apresentação de Trabalho/Comunicação).